



RAMALHO-SANTOS, João, HORTA, Sandra (coord.)
One Health: Um Planeta, Uma Saúde, Uma Ética,
Lisboa, Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida,
2023, 240 pp.
ISBN 9789728368449

Diogo Henrique Novo Rocha

A mais recente publicação do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (CNECV) é um livro coletivo sobre “One Health” (Saúde única), um conceito em voga nas discussões da comunidade científica. O livro junta especialistas das ciências médicas, biológicas e sociais para debaterem um tema que carece ainda de discussões alargadas em múltiplas perspetivas.

“One Health” pode ser definido, à luz dos perfis internacionais, como uma abordagem colaborativa, transdisciplinar e multissetorial que, trabalhando tanto a níveis macro como micro, une um conjunto alargado de ciências para pensar a saúde reconhecendo as conexões entre animais, ambiente e humanos e procurando soluções que melhorem a vida de todos.

Num tempo em que a relação entre pessoas, animais e ambiente está cada vez mais interligada, existindo uma dificuldade epistemológica em traçar limites e fronteiras, o termo “One Health” ganha um sentido abrangente, no qual os debates sobre a ampla mobilidade, o crescimento populacional, a degradação dos ecossistemas ou as alterações climáticas cruzam as questões da saúde e da

doença, interligando-se ainda com questões como o aparecimento de infeções zoonóticas, o aumento de neoplasias, o aumento da resistência bacteriana, o aparecimento de novas alergias, etc.

O termo ressurgiu em Portugal no pós-pandemia de Covid-19 e estendeu-se às diversas áreas académicas dando origem a esta monografia da CNECV, que o considera como uma base para o debate alargado na comunidade (p. 9). Não se tratando de um livro académico, apresenta jargão científico e considerações que ainda se encontram no plano teórico. A monografia apresenta dezanove contribuições e cada uma delas aborda uma temática de trabalho que contribui para desenvolver o conceito de “One Health”.

Apesar das diferenças conceptuais, todos os autores partem de uma base histórica comum que considera que a essência do conceito “One Health” não deve ser tomada como algo recente, mas antes como um termo ligado à prática, pelo menos desde a separação, com Hipócrates, no mundo ocidental (p. 23), do fenómeno da cura em relação às práticas religiosas. Este ganhou uma forma mais concreta no século XIX, com a modernização da ciência e os trabalhos

de médicos e antropólogos como Rudolf Virchow e Calvin Schwabe, pais da patologia, que perceberam e estudaram a ligação entre doença animal e humana (pp. 37 e 211).

No entanto, o termo “One Health” só começa a ganhar força institucional em 2003, após a epidemia de SARS (severe acute respiratory syndrome), sendo que só em 2008, num comunicado conjunto da Organização Mundial da Saúde (OMS), da Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), se colocou o tema de forma concreta em relatórios e diretrizes de trabalho prático (p. 197), criando-se diversos grupos transdisciplinares sobre o assunto.

O livro em análise resulta do trabalho de um destes grupos, sendo interessante notar as diferentes perspectivas de análise dos autores em relação ao conceito de “One Health”. Ricardo Santos ou Maria Neves retomam noções como a bioética de Potter, enquanto Inês Godinho apresenta uma proposta que atribui primazia à saúde animal. O termo que parece mais consensual é mesmo “saúde planetária”, através do qual se defende uma igualdade entre todos os intervenientes e uma visão integrada à escala global. Esta é uma discussão que demonstra como o tema, ainda embrionário, carece na sua base de amadurecimento, estando em constante construção e remodelação.

Ao debaterem a “One Health”, diversos autores partem da dimensão filosófica e retomam o momento de rompimento das formas de pensamento cartesiano sobre a

racionalidade e o conhecimento, os dualismos, para chegarem a novas concepções de união, a perspectivas integradas que se podem ser vistas como encarnadas na personagem de Espinoza (p. 172). Assim sendo, passa-se a olhar para lá do Norte Global, para um mundo interligado e em mobilidade, com várias perceções e formas de conhecimento, onde a saúde e a doença não são conceitos transcendentais, mas antes cosmologias incorporadas em práticas constantemente em mudança.

A definição proposta por este conjunto de especialistas desemboca numa dialética concreta entre quatro grandes unidades, em que todas contribuem para o trabalho conjunto. A primeira unidade, apresentada por autores como Pedro Fevereiro, Isabel Henriques, Helena Freitas e Joana Costa, une a biologia aplicada (da microbiologia à biologia molecular) e a ecologia (pp. 33, 55, 81). Estas são áreas que elaboram investigação primária, que apresentam dados e explicações, e em última análise apresentam soluções para problemas biológicos. Esta primeira unidade permite-nos, entre outras questões, entender: os mecanismos fisiológicos do aumento da resistência bacteriana aos antibióticos; como se processa a nível celular a transmissão de uma doença zoonótica; a forma como os fatores do aquecimento global afetam o ciclo de vida de mosquitos vetores de transmissão de doença; e também procura respostas para tentar resolver estas situações de perigo para a saúde pública (p. 113).

Do ponto de vista ecológico, é feito um estudo sistemático e de acompanhamento

dos diversos ecossistemas, a percepção da forma como interação entre si e como suportam a relação animais-humanos. Em última análise, sendo a base de dependência das populações, a ecologia apresenta-nos as melhores formas de conservação a serem concebidas e aplicadas (p. 67).

Uma outra unidade intitula-se “One Medicine” e é trabalhada de forma aprofundada por autoras como Anabela Mota Pinto, Ana Todo Bom e Anabela Moreira, que apresentam uma união entre medicina humana e veterinária e que em conjunto elaboram formas de intervenção na saúde e na doença das populações de indivíduos humanos e animais (pp. 94-95, 97-98). Desta forma, percebemos que a saúde de todos está intimamente ligada, não só em cenários de saltos virais, mas desde a saúde mental até à percepção de contextos de violência familiar (p. 123). A “One Medicine” transporta as intervenções das investigações primárias para os tratamentos; para a ligação com as pessoas, com as comunidades, onde as razões socioeconómicas e socioculturais são interpretadas, condicionando a passagem entre saúde e doença, e o modo como funcionam na dualidade pessoas-animais (p. 128). E também aplica princípios de economia ecológica e circular – entre meios, produtos e materiais que podem transitar da medicina humana para a animal, onde partilham campos de ação e um diálogo comum (p. 215).

O direito é uma outra unidade fundamental, sendo que prescrições que advêm de investigações científicas e dos

conselhos da “One Medicine” se tornam princípios concretos aplicados às sociedades sob a forma de legislação. Temas como a falta de água ou a falta de alimentos, debates sobre os modos produção agrícola ou a engenharia genética estão para lá dos campos da medicina, da biologia ou da ecologia. Assim se entra em discussões da área do direito do ambiente, do direito da saúde, do direito internacional ou mesmo do direito administrativo; campos que, numa perspetiva “One Health”, estão interligados não só entre si, mas também como elementos jurídicos e sociais que devem ser vinculativos entre as várias áreas, como demonstra André Pereira (p. 163). Estes são contributos que são essenciais até para incentivar os Estados a apresentarem medidas de relevância política com resultados locais, que alterem sistemas de saúde e tenham influência na comunidade humana-animal.

A última unidade, que se encontra em todos os textos, mesmo que muitas vezes de uma forma marginal, corresponde às ciências sociais e ao seu papel fundamental no debate sobre “One Health”, em particular no que diz respeito à antropologia – que há mais de trinta anos, em áreas como a “antropologia médica”, aplica conceitos e metodologias que agora integram as diretrizes comuns (p. 201).

O texto de Jorge Varanda demonstra como, partindo da antropologia, podemos obter olhares holísticos, de proximidade com as comunidades, onde as transformações biológicas e ecológicas acontecem em palcos socioculturais, económicos e políticos. E isto tendo em

conta que os fenómenos biológicos e ambientais estão diretamente relacionados com as práticas sociais em contextos dinâmicos de saúde-doença. Com a antropologia, obtemos narrativas que vão para lá dos biologismos e dos reducionismos, e chegamos a uma reflexividade integradora e epistemológica na qual o “genoma é um arquivo histórico da viagem humana” (p. 203). Esta pode ser uma ciência da comunidade que, com metodologias qualitativas, nos apresenta novos olhares sobre doenças, epidemias, zoonoses, resistência a antibióticos, etc., configurando-se como uma área transdisciplinar com perfil para assumir papéis de coordenação e de integração entre todas as outras unidades na construção da “One Health”.

Em síntese, este livro pretende criar uma dialética entre as várias áreas para a construção da “One Health”, mas tal nem sempre é conseguido. Muitos artigos são extremamente densos, focados em tópicos únicos, esquecendo o diálogo que caracteriza a “One Health”. O excesso de moralização, quase num sentido judaico-cristão, que alguns artigos apresentam desvaloriza certas conceções de tecnicidade que são fundamentais para o rigor do tema. O próprio alargamento da perspetiva “One Health” a qualquer ideia relacionada com a saúde, criando

múltiplas subespecializações, pode ser perigoso nesta fase inicial. Falta-lhe uma interligação, um caminho agregador das diferentes ideias, que sintetize e reflita sobre as vantagens e os excessos, o que poderia ter sido traçado pelos coordenadores na introdução ou no decurso do volume.

No entanto, este é um livro que traz um valioso contributo sobre como pensar em diversas perspetivas as questões da saúde e da doença, estando estas aliadas a processos biológicos, ecológicos, legislativos, éticos e, acima de tudo, sociais. Este é, ainda, um livro que alerta para as vantagens da transdisciplinaridade no âmbito da ciência, demonstrando a forma como as ciências sociais são fundamentais para coordenar, interpretar e trazer novas perspetivas, algo que se torna imperativo em tempos de alargada mudança social nos contextos de saúde-doença.

ROCHA, D. (2024), *Recensão “One Health: Um Planeta, Uma Saúde, Uma Ética*. Lisboa, Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, 2023”. *Análise Social*, 252, LIX (3.º), pp. 2-5. DOI: <https://doi.org/10.31447/34591>.

Diogo Henrique Novo Rocha » diogohnovorocha@gmail.com » Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Vida » Calçada Martim de Freitas — 3000-456 Coimbra, Portugal » <https://orcid.org/0009-0002-8743-4129>.
